



O diálogo inter-religioso: a partir da mística de Faustino Teixeira.

Dyego Batista Ávila¹

Introdução

A historiografia recente, nos mostra uma incessante busca da utilização da religião como comércio, tal fato acaba propondo com isso uma disputa de poder dentre as mesmas. Sendo assim provocando vários conflitos inter-religiosos, onde essa busca mercadológica reflete produzindo um extremismo religioso cruel que abarca consigo discriminação, violência e ódio, diante disso tem que se quebrar barreiras e propor uma discussão saudável dentre as partes, uma delas é o diálogo inter-religioso.

Como consequência de um interesse pelo diálogo inter-religioso, na busca de uma experiência religiosa comum a diversas tradições ou mesmo pela importância da experiência religiosa e das suas relações com a Teologia, o estudo da Mística vem ganhando espaço dentro das universidades brasileiras e se consolidando como uma área de pesquisa dentro das Ciências da Religião.

O presente artigo vem ressaltar a importância tanto do dialogo inter-religioso, mas, sobretudo o entendimento do campo místico como área de pesquisa e principalmente ressaltar nele um ponto em comum dentre as religiões e, por conseguinte, perceber essa vertente mística que caminha em consonância pelas crenças religiosas.

Como cita Faustino Teixeira, quando defende a possibilidade de um diálogo inter-religioso a partir da Mística, no que se referem às religiões monoteístas abraâmicas. Teixeira não pressupõe uma identidade entre as religiões (p.14), mas defende que as experiências místicas apresentariam um grau de proximidade que leva ao diálogo e a um núcleo comum. Esse núcleo é

¹ Graduado do Curso de licenciatura em História da Faculdade Integrada Brasil Amazônia – FIBRA, Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Estadual do Pará – UEPA. Email: dyegoavila@hotmail.com

encontrado no aprofundamento e na interiorização da mensagem divina (p. 26).

O que é mística?

O místico é alguém que vive a experiência do mistério, é o sujeito de uma experiência que tem o mistério como objeto. Segundo Leonardo Boff, a mística deriva no campo do mistério, mistério não é o limite do conhecimento, é o ilimitado do conhecimento. Conhecer mais e entrar em comunhão profunda com a realidade, ir além, é fazer experiência do mistério. Portanto, mística significa a capacidade de se comover diante do mistério das coisas, não é pensar, mas sim sentir. Ela revela a profundidade de significação quando se encontra o elo misterioso que une e reúne, liga e religa, tornando assim dinâmico.

As religiões ousaram chamar de Deus a esta realidade fontal. Não importa os mil nomes, Javé, Pai, Tao, Oxalá. O que importa é sentir sua atuação e celebrar sua presença. (BOFF, Leonardo p.02)

Em uma de suas homilias sobre o Cântico dos Cânticos, Gregório de Nissa, um dos três grandes capadóciolos do século IV, fala da água que se esconde sob a fonte. Se alguém se avizinha de uma fonte, maravilha-se com a riqueza da água que jorra sem cessar. Mas não se dá o acesso a ‘toda água’, que permanece misteriosamente escondida no seio da terra. E essa água que não cessa jamais de se manifestar acende permanentemente o desejo do sedento.² O mistério é como o ‘olho da fonte’, em seu contínuo movimento de generosidade e gratuidade.

Igualmente a afirmação anterior de Gregório de Nissa, quando diz que ‘toda água’ da fonte não pode ser acessada, o mesmo se vale ao mistério, no qual permanece sempre velado e inexplicável ao todo. E este que é representado, nomeado e cultuado dentre as diversas formas religiosas.

No judeo-cristianismo, define-se Deus como “aquele que é” (cf. Ex 3,14); na linguagem sânscrita do hinduísmo, utiliza-se a expressão sat; e no árabe, al Haqq. São expressões correspondentes, que buscam traduzir na imprecisa e frágil linguagem humana o mistério maior sem nome. Na tradição budista, opta-se pelo “silêncio de Deus”, o que não significa absolutamente ateísmo. A negação funciona como “cifra da transcendência”. (TEIXEIRA, Faustino. p.07)

Os diversos nomes que são atribuídos a Deus ou ao Mistério maior não se aplicam à sua essência, que permanece sempre inatingível, os nomes

² GREGÓRIO DE NISSA. Omelie sul Cantico dei Cantici. Roma: Città Nuova, 1996. p. 225-226 (Omelia XI). In: (Apud) Faustino Teixeira.

revelam sempre um estado de determinação e limite. A ‘Presença Espiritual’, que irrompe em toda a história, torna-se fragmentária ao manifestar-se no tempo e no espaço. Os nomes ou atributos de Deus são ‘miseros resíduos’ que exalam do “perfume da natureza divina”³, sendo assim, ele nos proporciona um intercambio entre a essência do mistério e o cosmos.

Assim explicita Teixeira, p.07:

“Os místicos de tradições diversas sublinham que o Real está para além dos nomes: Mestre Eckhart distingue o Deus em si mesmo do Deus das criaturas; Gregorio de Nissa distingue Deus em sua essência de Deus em seus atributos, que traduzem suas operações na história; Ibn „Arabi, na tradição sufi, distingue a Divindade absoluta da Divindade das convicções dogmáticas, que é “prisioneira das limitações”; na espiritualidade advaita da tradição hindu, distingue-se o Deus em si e o Deus dos nāmarūpa (nomes e formas)”.

Então, podemos dizer que Deus está livre de todos os nomes e despido de todas as formas, totalmente solto e livre. Ele e seu mistério serão sempre grandiosos e estará em uma dimensão aonde apenas as experiências religiosas chegariam o mas próximo deles. Portanto, mística não é pensar sobre Deus, mas sentir Deus, não é apenas falar sobre ele, mas falar e entrar em comunhão com ele. Quando rezamos, falamos com Deus, quando meditamos Deus fala conosco, sendo assim viver esta dimensão no dia a dia é cultivar a mística. A partir de tais fatos, que após serem ‘traduzidos’, criam-se doutrinas, ritos e atitudes de onde nascem as religiões, atrás delas e seus fundamentos há sempre uma experiência mística, o que então se caracteriza o ponto comum entre as religiões, onde todas se referem a fatos e episódios em um plano elevado e superior que não pode ser explicado com palavras, mas sim vivenciando e/ou elevando-se no estado mental muito além de um mero ser humano, é a prática que une o homem à natureza ao universo e o divino. Desta forma, pode-se dizer ainda que a mística se em algum momento pode distinguir-se de religião, por referir-se e ter uma experiência direta ou pessoal com a divindade cultuada pela pessoa com o transcendente, sem a necessidade de um intermediário, dogma ou de uma teologia. Contudo, vale ressaltar que cada religião possui sua identidade e sua percepção própria de agir, pregar e celebrar a experiência mística. A maioria das religiões tem uma

³ GREGÓRIO DE NISSA, Omelie sul Cantico dei Cantici, p. 52 (Omelia XI). Como sugere Gregorio de Nissa, com base no Cântico dos Cânticos, Deus é um “Perfume difuso”. In: (Apud) Faustino Teixeira.

vertente mística como (mística sufi para o islã, mística cabalá para o judaísmo, mística cristã para o catolicismo e etc.), outras são mística de natureza ou mística “primitiva” como a umbanda, onde tanto a mística quanto a magia caminham lado a lado com a liturgia e o ritual, no qual cada um dos adeptos alcança maior ou menor grau em sua prática.

O que cabe aqui é mostrar o místico como aquele que busca união com o todo, aquele que busca integrar-se ao todo, onde às vezes até abre mão de si para esse todo se manifestar na experiência mística. Como a mística da incorporação que algumas religiões obtêm.

Compartilhar sentimentos, virtudes e qualidades com aqueles que já alcançaram uma realidade maior é no mínimo experimentar o “vinho do místico”, experimentar a sagrada loucura de viver o que pode ser sentido, mas pouco pode ser explicado. Místico, portanto, é aquele que mediante a contemplação espiritual, procura atingir o estado estático de união direta com a divindade. (CUMINO, Alexandre. site:umbandamística, p.2)

O diálogo inter-religioso

O diálogo inter-religioso implica partilha de vida, experiência e conhecimento, ele acontece entre pessoas que estão enraizadas e compromissadas com sua fé específica, mas igualmente disponíveis ao aprendizado da diferença. Tal diálogo dispõe de abertura, atenção e respeito, onde para isso não convêm o totalitarismo ou superioridade religiosa, o que obviamente implicaria em um diálogo inter-religioso.

O problema do diálogo entre as religiões é tão antigo quanto à humanidade, já que, de um modo ou outro, as diversas tradições religiosas sempre estiveram em mútuo contato e sempre se influenciaram reciprocamente. A própria Bíblia, quanto mais conhecemos sua gênese e suas complexas evoluções na história, aparece como modelo deste diálogo interno: religiões muito mais antigas, como as mesopotâmicas e egípcias, acompanharam sua formação, influenciando profundamente, tanto os livros assim chamados históricos quanto os proféticos, os salmos e etc. Mas, indubitavelmente o fenômeno adquire hoje uma intensidade excepcional, não só pela exponencial intensificação dos contatos, mas também porque a necessidade de um diálogo aberto e reflexivo entre as diversas religiões se impôs com evidência no pensamento religioso atual.

“O diálogo inter-religioso é algo sedutor. Há uma grande beleza na sinfonia inter-religiosa. O encanto que acompanha esta possibilidade não pode, porém, ocorrer desconhecendo ou relegando o que há de único e irrevogável em cada religião. Não se pode transcurar, violar ou apagar o dado essencial da diversidade entre as religiões. Há que reconhecer e destacar as singularidades e características específicas de cada religião em particular”. (TEIXEIRA, Faustino. p.16)

Sendo assim, deve ser problemático afirmar simplesmente a presença de uma complementaridade entre as diversas tradições religiosas, porém há de se reconhecer o enigma do pluralismo religioso e o valor irredutível das distintas virtualidades religiosas. No plano da história haverá sempre uma permanente coexistência e uma salutar “contestação recíproca” entre as distintas religiões.⁴

O que Teixeira, irá chamar de *mysterium tremendum*, onde segundo ele jamais a percepção do outro pode ser complementada ou reduzida em seu significado  nico.⁵ Porém Teixeira salienta que, mesmo na diferenç a pode haver um convite ao encontro e que se abre ao aprendizado da diferenç a, onde é não somente o mistério intransponível, mas sim o *mysterium fascinans*. Portanto, aquilo que é diverso e escapa a compreensão, é aquilo que ao mesmo tempo seduz e realiza a possibilidade de enriquecimento, se o outro não se reduz ao mistério que convoca ao silêncio respeitoso, mas   alguém que vai estabelecer uma relação de encontro e aprendizagem.   verdade que o diálogo pressupõe a integridade da própria f  pessoal, mas requer igualmente abertura   f  do outro na sua diversidade. (p. 18)   necessário “passar e voltar”. “passar significa encontrar-se com o outro e com a experiência religiosa que ele traz dentro de si, juntamente com a sua visão de mundo”.⁶

⁴ Claude GEFFR . *Croire et interpréter...* p. 129; Id. *Profession Th ologien: quelle pensée chrétienne pour le XXI si cle*. Paris: Albin Michel, 1999, p. 149; Id. *Le pluralisme religieux comme question théologique. La vie spirituelle*, v. 151, n. 724, p. 585-586, 1997. In: (Apud) Faustino Teixeira

⁵ Esta irredutibilidade e irrevogabilidade da experiência da alteridade está presente não só na dinâmica inter-religiosa, mas igualmente na experiência mística, quando o sujeito experimenta a relação com a transcendência (o totalmente outro) e nas relações inter-pessoais. A escritora Lya Luft traduziu bem esta questão quando afirmou que há um “espaço de silêncio intransponível mesmo nos mais íntimos amores”: *Mar de dentro*. 3 ed. São Paulo: ARX, 2002, p. 30.

⁶ Jacques DUPUIS. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 517. Conhecer a religião do outro “implica entrar na pele do outro, calç r seus

E completa Thomas Merton:

“as diferenças culturais e doutrinárias devem ser conservadas, mas elas não invalidam uma qualidade muito real de semelhança existencial”. (MERTON, Thomas. p.245)

Sendo assim, o que se busca no diálogo inter-religioso, é encontrar “semelhanças e analogias na esfera da experiência religiosa”, sem negar o dado das diferenças que possam existir. Como explicita Paul Ricoeur (1995, p.188), nesse diálogo a uma cooperação, e essa proximidade não significa “fusão nem confusão”, é o aprofundamento simultâneo do próprio compromisso de fé. Portanto, para que seja efetivo, o diálogo exige real abertura a consciência de que cada religião, e entende-la como um fragmento em processo de crescimento e de afirmação em todos os planos.

Com isso Christian Duquoc afirma que:

“Nenhuma religião pode pretender assumir a totalidade do espaço religioso, enquanto realidade unificadora das demais tradições. Há entre as religiões, entendidas como “fragmentos”, uma “interdependência latente permanente”, que mantém acesa a possibilidade de uma virada universal, e que convoca a atenção crítica e superação de todo o fechamento auto-suficiente”. (DUQUOC, Christian. 2002.p.122)

E Thomas Merton:

“No processo de abertura às outras tradições religiosas, surge uma “oportunidade maravilhosa” de aprofundamento das potencialidades e virtualidades presentes na própria tradição, mas que escapam da vista de seus participantes”. (MERTON, Thomas. 1978.p.267).

Portanto o diálogo dentre as tradições religiosas não enfraquece ou diminui a fé, e sim possibilita um aprofundamento e ampliação de seus horizontes. Sendo assim, há um desafio nesse diálogo, pois tem que haver a abertura e a ruptura de barreiras espirituais, mas principalmente cultural, onde existem algumas culturas religiosas que não se deixa aproximar da outra pelo preconceito religioso imposto no meio que vive.

“As tradições religiosas encontram, certamente, na mística a sua dimensão de gratuidade e de provocação permanente à abertura. Os místicos são aqueles que conseguem captar a dimensão de profundidade presente na vida e reconhecer o outro lado das coisas. Em razão de sua experiência de proximidade ao mistério, conseguem com facilidade mover-se e comungar para além das fronteiras de sua inserção particular. Há um elemento de redenção na mística, que

sapatos, ver o mundo, de certo modo, como o outro vê, implica colocar para si as questões do outro”: Ibidem, p. 517-518 (citação de F. Teixeira).

sinaliza os limites das rígidas fortificações religiosas e aponta para a “arte de transpor fronteiras”. (WILFRED, Felix. 1999.p.9)

Segundo Teixeira, “O diálogo inter-religioso implica partilha de vida, experiência e conhecimento” (p.4), sendo assim só chega ao êxito, quem realmente está comprometido com a fé e principalmente com o diálogo da diferença de ideias e propósitos. Com isso, o mesmo em seu artigo denominado o diálogo inter-religioso, propõe possibilidades para que o seguinte diálogo entre as religiões se torne bem sucedido. O primeiro ponto é a consciência da humildade, onde para se ter um diálogo, precisa-se de uma abertura, acolhimento e disponibilidade do próximo, pois ele implica no respeito de reconhecer cada identidade pessoal e seus valores, onde a maior resistência advém pela arrogância e sentimento de superioridade alheia, que consiste em um dos maiores obstáculos desse contato inter-religioso, e se supera com uma consciência de humildade, no qual é necessário conhecer seus próprios limites. O segundo é a abertura ao valor da alteridade, “Há na base do diálogo a percepção do valor da diversidade, e de que ela traduz a riqueza da experiência humana”(p.5), o diálogo só ocorre quando se obtém o respeito e alteridade ao próximo ou interlocutor, ou seja, reconhecer o outro diferente, pois o outro também é um patrimônio de mistério e reduzi-lo impossibilita o entendimento, portanto:

“O outro é um mistério contínuo que escapa a qualquer analogia ou possibilidade de redução à igualdade. Sua diversidade é singular: não se pode pretender ‘possuir’ ou apossar-se do outro, pois isto significa privá-lo de sua singularidade. Ele deixa de ser ‘outro’.” (TEIXEIRA, Faustino. p.05)

Sendo assim, Como sublinha Hans Georg Gadamer, “o que perfaz um verdadeiro diálogo não é termos experimentado algo de novo, mas termos encontrado no outro algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo”.⁷ O terceiro ponto seria fidelidade à própria tradição, neste ponto, Teixeira revela que é necessário ser fiel a si mesmo e a sua fé, no qual à de se ter um diálogo dentre ambos, de maneira que cada pessoa ou grupo pressupõe de uma identidade cultural e/ou religiosa que deve ser levada em conta, onde aqui não se trata de um olhar fechado dentro de sua redoma cultural, e sim um olhar de abertura a dialogar com o outro, o que torna um aprendizado muito mais interessante e de uma riqueza cultural

⁷ Hans-Georg GADAMER. Verdade e Método II. Complementos e índice. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 247.

e religiosa que se irá adquirir com esse diálogo, assim construindo uma dinâmica permanente ao ser e ao dom do místico. Na verdade, são justamente aqueles que sabem encontrar e reconhecer o valor de suas próprias tradições, e que buscam o seu aprofundamento permanente, são os que estão em melhor posição para apreciar e avaliar a preciosidade das outras tradições. O quarto ponto denomina busca comum da verdade, onde para o diálogo ser recíproco, ambas as partes precisam estar dispostas a entender e aprender o valor positivo na tradição religiosa do outro, mas principalmente perceber que essa “verdade” que vincula as religiões, está muito além delas próprias e de seus adeptos, onde existem mistérios divinos que são inatingível e inexplicável, portanto:

“Há mais verdade (religiosa) em todas as religiões no seu conjunto do que numa única religião, o que também vale para o cristianismo. Existem, pois, aspectos ‘verdadeiros’, ‘bons’, ‘belos’ - surpreendentes – nas múltiplas formas (presentes na humanidade) de pacto e entendimento com Deus, formas que não encontraram nem encontram lugar na experiência específica do cristianismo. Toda crença religiosa traduz um vínculo particular: uma forma de atar o mistério sempre maior a uma imagem específica. Os vínculos são como “nós” que atam e modelam a compreensão e traduzem um mundo de sentido. Cada vínculo em particular expressa uma compreensão verdadeira, que capta um aspecto ou dimensão da realidade e da verdade, embora sempre limitado.” (SCHILLEBEECKX, Edward. P.215)

Portanto, o que revela-se aqui, a uma das dificuldades do diálogo inter-religioso, que seria uma espécie de moldagem tanto pela parte das crenças, quanto por seus mediadores, no qual sempre procuram reduzir ou limitar o divino á imagens particulares de cada uma delas, sendo assim, acabam criando um tipo de enigma de Deus que se fragmenta diante das várias tradições. O quinto e último ponto chama-se, ecumene da compaixão, e propõe que “ecumene da compaixão entende-se a convocação feita a todas as religiões no sentido de assumirem a responsabilidade global de afirmação do humano e de garantia da dignidade da criação”.⁸ Portanto, mostra o lado de ajuda ao próximo e compaixão aos necessitados, que cada religião ou religioso tem seu lado, mas humano de estar com os que precisam nas horas, mas escuras e amenas que há na vida de todos. Aqui revela ao menos um dos pontos que o diálogo inter-religioso acontece de forma, mas tranquila, este

⁸ TEIXEIRA, Faustino. Marcos de uma mística inter-religiosa. p.06.

que é o propósito no qual pode enriquecer o diálogo dentre os interlocutores e quebrar barreiras estabelecendo uma alteridade no meio religioso.

“Todas estas pistas para o diálogo inter-religioso são mais bem compreendidas e vivenciadas quando banhadas por uma espiritualidade peculiar, um trabalho interior de desapego e abertura ao dom do mistério que advém. O diálogo deve começar no interior de cada um, criando e favorecendo espaços de hospitalidade”. (TEIXEIRA, Faustino.p.7)

Uma das maiores, senão a maior dificuldade existente nos dias atuais, que acaba por manter uma barreira teológica e dialogal dentre as tradições religiosas, é sem dúvida a consciência de superioridade, ou até mesmo o grau de “pureza” imposto por ela mesma em busca de fiéis ou adeptos, impondo assim uma arrogância e pretensão exclusivista de verdade. O que com isso provoca e aumenta ainda mais violência, exclusão e um conflito religioso.

Em pleno século XXI, ainda se houve aquele velho ditado, “não há salvação fora da igreja”, tal frase se é repetida dentro e fora do cristianismo, com isso estamos atrás de um muro enorme cheio de preconceito e problemas no campo da abertura ecumênica e inter-religiosa.

Contudo, o que se vê é uma crise político-ideológica, que prioriza o poder, o ter e o ser, e esquece ou passa despercebido todas as riquezas e a sabedoria infinita de Deus, junto com seus ensinamentos. Não podemos preconizar um diálogo que desconhece, nega ou despreza o valor de outras tradições religiosas, devemos ter consciência do valor cultural e do pluralismo religioso existente, temos que perceber o valor da convicção do outro, e não reconhecer Deus como exclusivo de uma ou outra tradição.

“O grande perigo que ronda o tempo atual é o da afirmação dogmática de comunidades humanas que funcionam como ‘mônadas semânticas, quase sem janelas’, especializadas em cultivar a arte do solilóquio e da surdez. As religiões podem estar envolvidas neste círculo isolacionista e imobilizadas pela incomunicabilidade dogmática, mas podem também exercer sua influência em favor de um encontro renovador e enriquecedor, direcionadas à solidariedade mútua, à paz e o bem da humanidade”. (TEIXEIRA, Faustino. p.9)

Considerações finais

Portanto, esse diálogo ainda está engatinhando em um rumo melhor, visto que há uma simplória melhora no campo ecumênico e inter-religioso, porém ainda temos que caminhar bastante para o êxito, principalmente no

reconhecimento da alteridade, ou seja, reconhecimento do outro diferente. Saber respeitar a tradição religiosa alheia, e como debatemos anteriormente, o campo da mística é um dos pontos que vem sendo debatido e reconhecido aos poucos como uma interseção entre as diversas tradições religiosas, onde místico é alguém familiarizado com a visão interior, que ultrapassa a consciência ordinária, ele vive a radicalidade da presença de algo absolutamente novo e gratuito, vive uma experiência que toca a dimensão profunda e escondida da realidade. (TEIXEIRA, 2004, p.28) A relação do místico com Deus está além da servidão ou da obrigação, o místico é um encantado pelo amor divino, qualquer que seja a religião, a mesma se tornará a religião do amor. “mística é aquela pessoa que consegue ver na história e em todas as articulações da existência humana este fio condutor divino que tudo une, tudo ordena e tudo eleva”⁹ Sendo assim, a mística inter-religiosa aos poucos vai quebrando barreiras e se firmando como uma nova área acadêmica e religiosa, e isso traz grandes repercussões na experiência mística dos tempos atuais e nos revela uma face importante na relação religiosa entre o divino e o ser humano místico.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. *Mestre Eckhart: mística de ser e de não ter*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 15. In: (Apud) TEIXEIRA, Faustino.
- BOFF, Leonardo. *Mística e Religião*.
- DUPUIS, Jacques. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 517.
- DUQUOC, Christian. *L'unique Crist. La symphonie différée*. Paris: Cerf, 2002, p. 122-124 e 243. In: (Apud) TEIXEIRA, Faustino.
- GEFFRÉ, Claude. *Croire et interpréter...* p. 129; Id. *Profession Théologien: quelle pensée chrétienne pour le XXI siècle*. Paris: Albin Michel, 1999, p. 149; Id. *Le pluralisme religieux comme question théologique. La vie spirituelle*, v. 151, n. 724, p. 585-586, 1997. In: (Apud) TEIXEIRA, Faustino.
- KÜNG, Hans. *Religiões do mundo. Em busca de pontos comuns*. Campinas: Verus, 2004.

⁹ Leonardo BOFF. *Mestre Eckhart: mística de ser e de não ter*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 15.

MERTON, Thomas. O diário da Ásia. Belo Horizonte, Vega, 1978.

QUEIRUGA, Andrés T. O diálogo das religiões. São Paulo: Paulus, 1996.

RICOEUR, Paul. Em torno ao político. São Paulo: Loyola, 1995, p. 188-189 (Leituras I).

SCHILLEBEECKX, Edward. História humana revelação de Deus. São Paulo: Paulus, 1994.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). O desafio da mística comparada. In.: No limiar do mistério: mística e religião. São Paulo: Paulinas, p.13-34, 2004.

TEIXEIRA, Faustino. O diálogo inter-religioso. O desafio da acolhida da diferença. Perspectiva Teológica, v. 34, n. 93, maio/agosto 2002, pp. 155-177.

TEIXEIRA, Faustino. Marcos de uma mística inter-religiosa. Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano VII, n. 33

TEIXEIRA, Faustino. Diálogo inter-religioso, ontem e hoje. PPCIR-UFJF,

WILFRED, Felix. Introdução – A arte de transpor fronteiras. Concilium, v. 280, n. 2, p. 9, 1999